**O ESPAÇO E A CULTURA NO CAMPO E NA CIDADE: UMA ANÁLISE DA
CIDADE DE CAMPOS SALES – CE****THE SPACE AND CULTURE IN THE FIELD AND THE CITY: AN ANALYSIS OF
THE CITY OF CAMPOS SALES – CE****EL ESPACIO Y LA CULTURA EN EL CAMPO Y LA CIUDAD: UN ANÁLISIS DE
LA CIUDAD DE CAMPOS SALES - CE**Antonio Pedro Lima e Silva¹**RESUMO**

No presente artigo buscamos compreender de que forma a percepção dos espaços do campo e da cidade se configuram no ideário popular, mediante utilização da metodologia da história oral. Para tanto, analisaremos a visão de três pessoas, residentes na mesma cidade, e que possuem vínculos com o espaço rural e urbano, de faixas etárias diferentes, em relação ao espaço e a cultura. Nossa argumentação será construída pela fundamentação teórica da história oral, por meio da análise, discussão e problematização de entrevistas. Neste trabalho optamos por fazer uso da metodologia da história oral no intuito de produzir uma ciência com um viés mais subjetivo e próximo dos sujeitos. Percebemos assim que as considerações feitas pelos entrevistados, apesar de serem subjetivas, nos permitem realizar uma contextualização com temas referenciais da geografia, bem como a possibilidade de construir um conhecimento científico por meio da prática à teoria, e não o contrário que é mais recorrente.

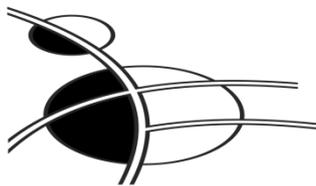
PALAVRAS - CHAVES: cidade, campo, percepção, espaço.

ABSTRACT

In this article we seek to understand how the perception of the countryside and the city are configured in the popular ideals, using the methodology of oral history. Therefore, we will analyze the vision of three people, residing in the same city, and whom have links with rural and urban space, Aof different age groups, in relation to space and culture. Our argument will be built on the theoretical basis of oral history, by the analysis of the interviews and their respective discussion and problematization. In this work we have chosen to implement the use of oral history to produce a science with a more subjective bias and closer to the subjects. We perceive this way, that the considerations made by the interviewees, although they are subjective, allow us to perform a contextualization with reference themes of geography, as well as the possibility to build a scientific knowledge through the practice of theory, and not the opposite that is more recurrent.

KEYWORDS: city, countryside, perception, space

¹ Antônio Pedro Lima em Silva, graduado em geografia pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e mestrando pelo Mestrado Acadêmico em Geografia MAG - UVA.

**RÉSUMÉ**

Dans cet article on cherche comprendre de quelle manière la perception de la campagne et de la cité se compose dans l'imaginaire populaire à travers la méthodologie de l'histoire orale. Pour cela, on analyse les points de vues de trois habitants, de différents âges, d'une seule ville qui ont des liens avec les deux environnements, rural et urbain, à propôs de l'espace et de la culture. Nos arguments sont basés sur la théorie de l'histoire orale, par l'analyse, dicussion et questionnement des interviews appliquées aux habitants mentionnés ci-dessus. Dans ce travail on a opté pour utiliser la méthodologie de l'histoire orale à fin de produire une science un peu plus subjective et proche des sujets. On percevoit donc, que les considérations faites par les interviewés, malgré leur contenu subjectif, nous permettent de faire une contextualisation de thèmes de la géographie et nous montrent la possibilité de construire un savoir scientifique à travers la pratique vers la théorie et pas le contraire, ce qui est le plus courant.

MOTS-CLÉS: ville, campagne, perception, espace.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal realizar uma pesquisa qualitativa, tendo como principal metodologia a história oral, utilizada largamente nas ciências humanas, e que tem como fundamento o uso da oralidade como fonte de pesquisa. Ao fazer uso de tal método, é possível estabelecer uma relação direta com o sujeito investigado, construindo assim uma pesquisa participativa. No que diz respeito aos procedimentos metodológicos e etapas da pesquisa, utilizados por nós, eles serão elencadas e problematizadas no decorrer do texto. Daremos inicio a nossa discussão com a descrição de nosso objeto de pesquisa e com a apresentação dos sujeitos participativos dela.

A ciência geográfica, no decorrer de seu desenvolvimento e estruturação relacionou-se com inúmeras correntes filosóficas e variadas metodologias, neste sentido, durante muito tempo a geografia era preconizada apenas como ciência natural, que tinha como objeto de estudo a descrição das paisagens e a compreensão da organização do espaço, sendo uma ciência meramente descritiva e empírica, muito envolta ao positivismo, o que a tornava uma ciência puramente objetiva e que repulsava de si metodologias que cogitassem o subjetivismo. No entanto, com o pós-guerra, a ciência geográfica passou por mudanças consideráveis, vinculadas principalmente a um novo arcabouço teórico, que foi o materialismo histórico dialético, com tendências Marxistas. Essa visão Marxista da geografia engendrou em discussões referentes às formas espaciais consequentes do Capital, as transformações constantes do espaço e ao impacto das relações sociais sobre os dados geográficos, bem como relativizou o objeto de estudo da geografia, o espaço.



Assim, com a difusão do novo objeto de estudo da geografia, a ciência expande seus horizontes para novas abordagens e possibilidades, bem como para novas metodologias e formas de explicar, analisar, organizar e compreender o espaço. Uma dessas metodologias é a história oral, entendida por Demartini e Lang (1998) como: “a abordagem metodológica em que há um envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, procurando desvendá-lo a partir dos relatos orais dos sujeitos envolvidos”. (p.72)

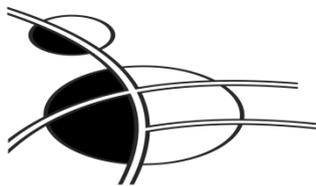
Isso significa dizer que a história oral se utiliza de relatos de indivíduos distintos para obtenção de dados e fontes para a construção de estudos científicos. Em função da subjetividade que emana desse processo, alguns historiadores e pesquisadores relutam em reconhecer tais fontes orais como meio de conhecer e reconhecer a história calcada em seus relatos, por não a considerarem tal método como estritamente científico. Entretanto, cessaremos a discussão acerca da veracidade atribuída à história oral, em função de nosso artigo não ter como finalidade discutir teoricamente a história oral, mas sim utilizá-la como metodologia predominante desse escrito.

Assim, nossa pesquisa tem como finalidade investigar a percepção espacial e cultural de um grupo de pessoas acerca dos espaços da cidade e do campo, o *locus* da pesquisa se encontra na cidade de Campos Sales, localizada no interior do estado do Ceará, que compõe a Região do Cariri. A estimativa da sua população é de aproximadamente 27.209 pessoas (IPECE, 2017), classificada como cidade pequena, possui uma forte vinculação entre os espaços da cidade e do campo, em decorrência de possuir muitos distritos. Isso faz com que grande parte de sua população tenha experiência de vivência em ambos os espaços, tornando-os, assim, sujeitos com percepções internalizadas a respeito do urbano/rural e cidade/campo.

As pessoas selecionadas para contribuir em nossa pesquisa são de três faixas etárias diferentes, essa escolha foi feita de forma proposital, já que pretendemos analisar diferentes formas de ver o espaço, cogitando assim que o artigo possibilite uma pluralidade de ideias e percepções, tornando a discussão representativa e auferida para os diferentes leitores, independente de sua faixa etária.

A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE ESTUDO DA GEOGRAFIA

Esta pesquisa tem como metodologia e aporte teórico, como já nos referimos anteriormente, a história oral. Silva e Dias (2017) argumentam que ela, a história oral, “trata-se de um procedimento que busca coletar entrevistas de sujeitos que viveram determinadas situações e que podem relatar as suas experiências pessoais como objeto” (p.166), ou seja,



trata-se de um método que busca a compreensão de um assunto ou tema, por meio da memória das pessoas como fonte de pesquisa. A história oral, para Amado e Ferreira:

É antes um espaço de contato e interdisciplinaridades sociais; em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas. (...) Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. (FERREIRA, 2006, p. 16).

E é exatamente por essa premissa que a metodologia foi auferida, pois pretendemos mostrar uma visão do campo e da cidade a partir da perspectiva não dos grandes agentes modeladores do espaço, ou pelos autores clássicos da geografia urbana, mas por aqueles que estão inseridos no espaço como atores coadjuvantes, e que na maioria das vezes são marginalizados e silenciados pelas pesquisas acadêmicas.

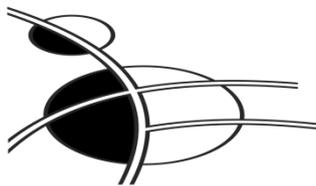
Para Portelli, “a história oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista”. (1997, p. 39). Outra importante vantagem da aplicação dessa metodologia, então, é o fato de ela fazer uso de múltiplos olhares e visões, oportunizando a todos os sujeitos envolvidos no processo de socialização de conhecimento, ao construir discursos sobre si e sobre o mundo, valorizando assim a fala do letrado e do iletrado, sendo, portanto, uma metodologia que dispersa o preconceito, ao passo que não favorece uma classe específica.

Para Meihy “a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas como atenção essencial dos estudos. (...) Implica formular as entrevistas como epicentro da pesquisa”. (2010, p. 72). Mas os tipos de entrevistas elaboradas para a coleta da história oral servem apenas como orientação e organização das ideias, pois em meio à realização de tais entrevistas, podem surgir outras ideias e questões que podem ser abordadas.

Meihy ainda discorre acerca de algumas etapas a serem seguidas no âmbito da utilização da história oral como método de pesquisa:

O ponto de partida das entrevistas em história oral implica aceitar que os procedimentos são feitos no presente, com gravações, e envolvem expressões orais emitidas com intenção de articular ideias orientadas a registrar ou explicar aspectos de interesses planejados em projetos. (2010, p.14)

A par de tais dados, acrescentamos que, para estruturar a metodologia, o autor frisa a necessidade de seguir determinados passos indispensáveis para o delineamento da metodologia da história oral, a citar: “1 - Elaboração do projeto, 2 - Gravação; 3 -



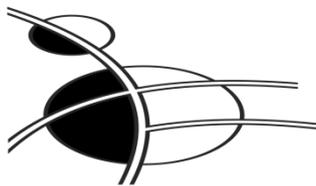
Estabelecimento do documento escrito e sua seriação, 4 - Sua eventual análise, 5 - Arquivamento, 6 - Devolução social.” (MEIHY, 2010,p.17).

Meihy ainda esclarece a existência de três tipos de história oral, e acrescenta que a escolha da modalidade que o pesquisador irá utilizar depende do objeto a ser estudado. Os três tipos, a se saber, são: a história oral de vida, a temática e a de tradição oral. Para realização de nossa pesquisa fizemos uso das três vertentes mencionadas pelo autor, privilegiando, porém, a história oral temática, que por sua vez é a que mais se aproxima do objeto investigado, já que “é a solução que mais se aproxima das expectativas acadêmicas (...) pois se vale de entrevistas como forma dialógica de promover discussões em torno de um assunto específico”. (MEIHY, 2010, p. 38).

Esta forma de história oral se aproxima mais da academia por abordar um objeto mais específico e temático. No caso específico de nossa pesquisa, temos como temáticas predominantes a cidade e o campo, o espaço e a cultura, conceitos estes trabalhados na ciência geográfica, bem como nas demais ciências sociais. Ainda de acordo com o autor, o que faz a história oral se aproximar mais ainda da academia é que ela promove debates tácitos e utiliza de pluralidades de opiniões, o que leva ao confronto e construção de novas ideias, em suas palavras: “Contundência faz parte da história oral temática que se explica no confronto de opiniões firmadas. (...) decorrência natural de sua existência, a história oral temática pura deve promover debates capazes de nutrir opiniões diversas”. (MEIHY, 2010, p.38) Em resumo, diferente dos outros modelos de história oral, a temática não se preocupa com a vida pessoal do entrevistado, mas se direciona ao estudo e investigação do tema proposto, extraindo deles contribuições direcionadas ao tema da pesquisa.

Faz-se importante mencionar, por fim, que para realização de nossa pesquisa, após procedermos a revisão bibliográfica, detalhada nos parágrafos anteriores, estabelecemos alguns passos a serem seguidos. Antes da ida ao campo, foi realizada a escolha das pessoas a serem entrevistadas, que, como já mencionado, figuram a parte da população que possui convívio entre os espaços urbanos e rurais. Outro critério utilizado por nós para essa escolha foi a faixa etária, pois a percepção muda de acordo com o tempo e a experiência de cada um, e por objetivarmos o confronto e divergência de percepções.

Logo após, foi estruturado o questionário com algumas perguntas pré-estabelecidas, que foram formuladas não com o objetivo de tornar a pesquisa limitada, mas almejando uma melhor organização. Depois, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, as pesquisas foram realizadas a domicílio, gravadas e depois transcritas - na transcrição optamos por



preservar a fala dos entrevistados da forma como foi exposta, e, em função disso percebemos a predominância da linguagem coloquial e a presença de gírias e marcas da oralidade em tais transcrições. Esclarecemos ainda, no que diz respeito às transcrições, que algumas passagens das falas foram mitigadas para melhor compreensão, pois em diversas passagens haviam marcas da oralidade que levavam nosso texto a redundância, entretanto, destacamos que tais modificações foram autorizadas pelos entrevistados, através de aprovação documental.

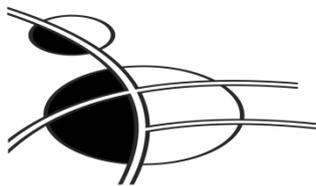
Nas páginas posteriores iremos problematizar as três percepções presentes no discurso de cada entrevistado, expondo as suas ideias, relacionando-as, diferenciando-as, bem como buscando aspectos semelhantes entre elas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A palavra percepção vem do latim *perceptione*, que é a capacidade de perceber alguma coisa através dos sentidos. Para Lannoy Dorin *apud* Nascimento (2007), a percepção “é um processo pelo qual tomamos consciência imediata dos objetos e fatos e de suas relações num dado contexto (...) Percepção é sempre uma interpretação de um evento externo”.(1984, p.183).E é através desse conceito que o presente trabalho busca fundamentar a relevância dessa pesquisa.

De acordo com Husserl (1980) a percepção “se altera, contudo, quando se fundamenta em intuições de outros círculos de percepção e de afiguração”. (p. 21). Sendo assim, a percepção tende a mudar de acordo com as experiências corriqueiras, de acordo com o espaço ao qual a pessoa está inserido, além da mudança dos sentidos em relação aos fenômenos, justificando assim o uso de três pessoas com diferentes idades como forma de captar três visões distintas, sem gerir preconceito e aceitando a concepção dos sujeitos.

Para melhor organização do texto vamos expor as entrevistas realizadas mediante história oral de forma cronológica, a cada pergunta realizada vamos expor o ponto de vista de cada um, iniciando pelo mais jovem até o mais velho, em cada percepção iremos comparar, analisar e confrontar os dados recolhidos.

**A PERCEPÇÃO DO CONCEITO DE CIDADE E DE CAMPO, NO QUE SE REFERE AO ESPAÇO E A CULTURA**

A primeira pessoa a ser entrevistada no processo de realização da pesquisa foi a jovem Fátima², que tem quatorze anos e reside na cidade de Campos Sales desde seu nascimento. Apesar de residir na cidade, ela possui familiares que residem no campo, onde constantemente os visita, possibilitando assim um contato com uma multiplicidade de espaços. O segundo entrevistado é o João³, que tem 21 anos, e atualmente trabalha no comércio local como vendedor, cursa licenciatura plena em ciências biológicas, na cidade de Campos Sales, ele morou no campo até os seus oito anos de idade, mas apesar da mudança, visita mensalmente o espaço do campo, onde parte de sua família ainda reside. Já a última entrevistada é Nilda⁴, que tem 41 anos e atualmente trabalha como diarista, porém, nunca deixou de ter vínculo com o campo, todos os anos ela ainda “coloca roça”.

As mesmas perguntas foram feitas aos três, para que pudéssemos perceber as diferentes percepções internalizadas em suas respostas. Na pergunta inicial pedimos para que os entrevistados realizassem uma comparação entre os dois espaços, campo/cidade, pois de acordo com BERNADELLI (2013) “A definição do rural e/ou urbano tem de ser pensada a partir de uma dimensão geográfica por excelência: o espaço.” (p. 46), e, além disso, “há diferenças nas paisagens rurais e urbanas, sejam elas tênues ou clamorosas. Algumas delas podem ser facilmente percebidas, outras nem tanto.” (BAGLI, 2013, p 102). Sendo assim, foi solicitado aos entrevistados que eles apontassem as principais diferenças espaciais entre campo/cidade, e se eles percebiam a existência de algum aspecto existente particularmente na cidade ou no campo, que os distinguisse espacialmente. Observemos essa distinção na fala dos entrevistados:

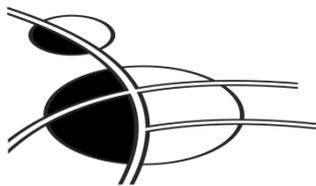
Para Fátima:

Além da natureza, do desmatamento presente na cidade, vejo que na cidade tem uma presença maior de poluição em todos os sentidos, visual, tem muitas coisas na cidade, uma poluição ambiental também, muito barulho, muitas pessoas, enfim. No campo eu creio que seja mais tranquilo, e além do aspecto natural, eu vejo que no campo geralmente se tem um contato maior com a terra, com o espaço, um cuidado maior com a natureza, também nas relações entre as pessoas existe um contato com práticas passadas de

² O entrevistado autorizou de forma documental usar seu nome próprio

³ O entrevistado autorizou de forma documental usar seu nome próprio

⁴ O entrevistado autorizou de forma documental usar seu nome próprio



gerações em gerações, sobre cuidados com a terra, de como plantar, as pessoas conhecem mais seu espaço, tratam melhor a natureza por conviverem constantemente com ela, e na cidade isso não acontece com muita frequência, na cidade geralmente não paramos para pensar no natural, a gente não conhece muito a natureza, e no campo isso é mais difundido. O que distingue o campo da cidade é a presença da natureza, já na cidade são as diferentes construções. (Fátima, 2018)

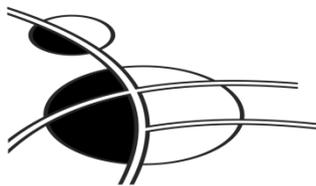
Para João:

Assim, uma palavra que responde muito bem essa pergunta, tanto na visão geográfica, quanto na visão de um ponto específico de cada lugar, eu posso definir os dois como liberdade, tipo, o que acontece na cidade é que as pessoas não tem tantos espaços livres, não temos tanta liberdade de você poder ter um lugar mais amplo, todos os lugares pertencem a algumas pessoas, até os terrenos “baldios”, na cidade é difícil encontrar um lugar mais tranquilo, um lugar calmo sem tanta poluição sonora, sem ter tanta visão de toda essa construção social, das casas, lojas, praças, armazéns etc. E no campo não, lá é um espaço que apresenta uma tranquilidade maior, você tem um espaço amplamente maior, não existe o caos existente na cidade. O acesso, a distância é uma coisa que dificulta a vida no campo, já na cidade o acesso seria um aspecto positivo, que seria a facilidade de obter as coisas, na cidade é tudo mais fácil, já no campo, não. Então o que mais diferencia os espaços é questão da liberdade espacial. No campo - temos um espaço amplo, e na cidade temos um espaço próximo, só que na cidade não temos acesso a todos os lugares, existem lugares que precisam de dinheiro ou de recomendação para o seu acesso. (João, 2018)

Para Nilda:

Uma coisa bem presente na cidade são os meios de transporte, mais variedade de trabalho, principalmente para mulher, porque é mais fácil, porque no campo geralmente a mulher fica somente com as tarefas de casa. Tem algumas diferenças da cidade para o campo, a cidade é maior, tem mais pessoas, tem mais movimento, tem as praças, calçamentos, asfaltos, é completamente diferente, na zona rural as estradas são de terra, muito “mato”, roças, criação de animais. Na cidade o espaço é mais apertado as casas são próximas, no campo não temos casas próximas, as casas são distantes. No campo é bem mais livre, você tem espaço, tem o riacho, tem mais liberdade, não tem tanta maldade, tanta malícia que nem na cidade. (Nilda, 2018)

Através da observação das respostas obtidas através do questionamento, nos é possível compreender que a percepção da jovem Fátima traz a questão espacial urbana como algo caótico, poluído e desconhecido. Já no que diz respeito ao campo, ela retrata esse espaço como natural e repleto de interação entre o homem e o meio, descrevendo uma relação mais próxima do homem com o seu espaço através de práticas presentes no campo, como a agricultura e a pecuária.



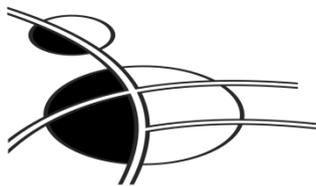
Já João, faz uma distinção espacial em sua fala muito interessante e diferente da visão de Fátima. Para ele, o que distingue ambos os espaços estão relacionado a uma questão de distância e proximidade, deflagrando uma percepção espacial mais madura, pois argumenta que na cidade temos a configuração de um espaço caótico, marcado pela proximidade e repleto de relações, caracterizado pela presença massiva de informação e espaços ocupados.

A partir da perspectiva materializada na resposta de João, nos é possível relacionar a tese de BAGLI (2013, p. 101), que defende que uma das características peculiaridades do espaço urbano é o fato de ele concentrar inúmeras funções, flexibilizando assim o uso do solo e das pessoas, acentuando os fluxos de deslocamentos no espaço. Essa visão, como mencionamos, se assemelha com a percepção do entrevistado, porém, João tem uma intenção diferente ao questionar isso, ele percebe a questão da cidade enquanto mercadoria, ao afirmar que ela é próxima no sentido espacial, entretanto, distante no seu acesso em relação aos espaços privados. Ele, inclusive, coloca o campo como um espaço mais aberto e amplo, mais livre da questão imobiliária, porém, limitado em alguns aspectos e serviços presentes na cidade. Essa leitura da divergência entre o espaço do campo e da cidade, por sua vez, contesta a visão da jovem Fátima em relação à independência do campo em detrimento da cidade.

Nilda, por sua vez, em sua visão sobre o campo projeta, em parte, a percepção de João, como sendo um local mais aberto, e a cidade como um espaço apertado e mais próximo. Um dado relevante apontado por ela é questão trabalhista, segundo o seu relato, quando morava no campo nunca teve oportunidade de exercer outros trabalhos além das tarefas de casa, já na cidade percebe que a mulher tem mais oportunidades e liberdade. Isso infere a percepção de que no campo o patriarcalismo ainda é muito presente, por ser um espaço mais tradicional.

Outro dado mencionado por Nilda é a infra-estrutura presente na cidade, como as praças, o asfaltos etc. Outro fator que ela identifica como sendo característico da cidade é a maldade e a malícia, que não existe no campo. Isso se deve ao fato de que no campo as pessoas mantêm uma relação mais próxima pelo reduzido número de habitantes, já na cidade a questão da maldade e da violência são mais presentes, pelo fato de ser mais habitada e da maioria da população ser composta por estranhos.

Algumas considerações devem ser mensuradas mediante a comparação e semelhança das ideias expostas pelos entrevistados, em harmonia com teorizações feitas pelos estudiosos da ciência geográfica. No que se refere á questão espacial, por exemplo, percebemos que todos os entrevistados projetam o espaço do campo e da cidade em torno da questão da oferta de trabalho. ENDLICH pensa que “é possível o reconhecimento da diferença e o exercício da reflexão sobre o rural e o urbano, sobre a cidade e o campo, em concorrência da mencionada



divisão do trabalho”. (2013, p. 11). Assim, “o rural vincula-se às atividades primárias, principalmente agropecuárias”, e “o urbano, em contraposição, reúne percentual significativo da população envolvida em atividades secundárias ou terciárias. (ENDLICH, 2013, p. 16).

Porém, devemos levar em consideração que, apesar de os entrevistados perceberem essa relação do trabalho de forma menos oportunizada no campo, o desenvolvimento do capitalismo promoveu uma mudança nesse quadro, sendo possível perceber contemporaneamente uma alteração na relação da divisão do trabalho com os espaços já citados, conforme argumenta BERNADELLI:

A exemplo do que ocorre em países desenvolvidos, o denominado “novo rural” extrapola o conjunto de atividades agropecuárias e agroindustriais que caracterizou o campo brasileiro, com a diversificação de atividades agrícolas e não agrícolas (SILVA apud BERNADELLI, 2013, p. 41)

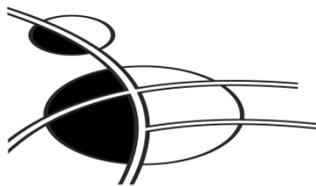
No entanto, nenhum dos entrevistados considerou ilustrar esse “novo rural”, todos expuseram um rural limitado, escasso, e completamente dependente da cidade no que diz respeito ao acesso ao trabalho. Isso se justifica pelo fato de que o espaço ao qual estão inseridos se caracteriza como uma cidade pequena, com pouco desenvolvimento tecnológico, e alicerçada ainda em uma agropecuária estritamente familiar e rudimentar.

Outra forma de percepção do espaço projetada na fala dos entrevistados é o sentido de uso e interação dele. Nesse sentido, consideramos o que referencia Bagli, ao defender que “nos espaços rurais, às relações cotidianas são construídas tendo como base a intensa ligação com a terra”, em que ela “não é o mero chão, mas a garantia de sobrevivência”. (BAGLI, 2013, p. 87). Em contraposição, o urbano “apresenta-se como mero chão sobre o qual estão edificadas as formas que guardam as funções próprias do urbano. Dela nada se retira, nada se cultiva com o fim de obter sobrevivência ou rendimentos”. (BAGLI, 2013, p. 90). Podemos perceber, assim, que o espaço do campo se vincula mais próximo da categoria de lugar, em que as questões pessoais e espaciais se imbricam, apesar da terra já ter valor e uso de mercadoria no campo. Já a cidade se aproxima da categoria de território, vinculado-se a noção de poder.

Na segunda pergunta, questionamos os sujeitos em relação à percepção deles diante da cultura presente na cidade e no campo:

Para Fátima:

Na cidade tem uma intenso comércio, gerando muito consumismo, no campo raramente se encontra comércio, e quando tem não é grande, não tem tanta divulgação, as pessoas não tem tanto stress, no campo as pessoas tem menos atividades, e só vão a cidade quando tem necessidade de algo presente na



cidade, como por exemplo: para comprar coisas, fazer feira, ir ao banco, ir ao médico, e na cidade a gente sai muito, mas na questão social de ir para a escola, trabalho etc. E no campo as pessoas são mais recolhidas em ciclo familiar, o que une as famílias, as pessoas se conhecem há muito tempo, tudo se resume nas coisas familiares, no campo as pessoas por terem mais contato com o espaço em que vivem, não se sobrecarregam tanto mentalmente, como na cidade. (Fátima, 2018)

Para João:

Bem, no campo sempre é ensinado uma questão de respeito, se tratando no convívio mesmo, um valor ensinado no campo é o respeito, coisa que não é tão presente na cidade, em relação ao campo algo divergente é a questão da alimentação, por exemplo, no campo você tem acesso a árvores frutíferas, algo que não existe na cidade, onde eu morava, por exemplo, tinha cajá, umbu, caju, manga, muitas variedades de frutas, quando você tinha vontade de comer alguma fruta você mesmo colhia sabe, já na cidade não, quando você quer algo natural você tem que comprar, na cidade é mais comum comidas artificiais, morando no campo eu tinha acesso a uma maior diversidade de frutas e hortaliças. Cultivávamos varias coisas, onde não precisávamos comprar esses insumos na cidade, outra coisa que aprendi foi a questão de manejo da terra, épocas de plantar, colher, a interpretar o espaço. (João, 2018)

Para Nilda:

O cotidiano na cidade é um pouco complicado, a situação financeira não é tão boa, você não tem dinheiro para consumir tudo o que você tem vontade, a cidade te limita financeiramente, já no campo é diferente, porque você só não ganha dinheiro se for preguiçoso, porque você pode plantar uma variedade de coisas, como feijão, milho, verdura etc. O tempo que sobrava no campo brincávamos, já na cidade não se para, sempre estamos fazendo alguma coisa. A alimentação é diferente, no tempo da seca no campo, a alimentação não é tão boa, porque não tem muita verdura, na seca é uma comida grosseira, mas quando chega no tempo do inverno a alimentação no campo muda, é muita fartura. Na cidade a fartura só existe se você tem dinheiro, se não, a alimentação na cidade é limitada. (Nilda, 2018)

Para a jovem Fátima, a cultura citadina se resume em consumismo e em uma difícil relação social, até mesmo nos ciclos familiares, sendo as pessoas da cidade caracterizadas como estressadas e problemáticas, no entanto, no campo, ela considera que a cultura se resume a uma relação mais próxima e íntima, familiar, em que as pessoas são mais tradicionais e recolhidas.

Para João, a cidade apresenta uma cultura mais artificializada e mecânica, em que as pessoas não sabem mais produzir suas coisas e bens de consumo, tornando-as inteiramente dependentes da cidade. Ele descreve o campo como um espaço em que as pessoas têm oportunidade de produzir seus próprios insumos. Essa questão é bem implicante, pois essas considerações dialogam com o princípio da interdependência do campo/cidade, em que a

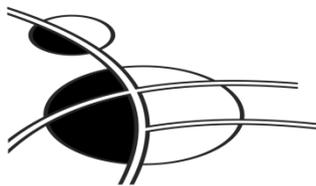


cidade dependente do campo, no que diz respeito, principalmente, aos produtos agropecuários, e o campo, por sua vez, dependente de produtos industrializados oriundos dos centros urbanos. Outro sentido positivo que ele direciona ao campo é a relação do respeito ao próximo e ao espaço.

No que diz respeito à fala de Nilda, um apontamento que ela faz em relação ao campo é a questão da temporalidade. De acordo com ela, nos tempos de seca a alimentação nesse espaço é limitada e grosseira, mas em tempos chuvosos é diversa e nutritiva. Ainda sobre esse aspecto, a diarista esclarece que enquanto essa limitação no campo é periodizada pelo clima, na cidade ela se faz constante, dependendo da classe social e do poder de compra de cada indivíduo. O resultado dessa reflexão advém de sua própria experiência, pois, para ela, desde quando se mudou para a cidade sua alimentação se tornou limitada, destacando, por fim, que no campo, mesmo para pessoas pertencentes a classes sociais desfavorecidas, todos desfrutam de uma alimentação mais diversificada e saudável.

No âmbito da definição de cultura do campo e da cidade realizada pelos entrevistados há alguns aspectos que merecem ser discutidos. O primeiro diz respeito aos problemas que marcam a cultura da cidade, que de acordo com BAGLI “saltam aos olhos e se expressam com maior nitidez. Talvez por isso, o urbano seja alvo de tantas críticas” (2013, p. 103), pois os problemas urbanos são vislumbrados por meio das paisagens, e são, portanto, percebidos de forma mais corriqueira. Podemos mencionar alguns desses problemas percebidos através da observação mais simples do espaço urbano, como a questão do saneamento básico, em que esgotos ao céu aberto fazem parte da paisagem das cidades; problemas de infra-estrutura, como por exemplo, as ruas que não possuem asfalto ou qualquer tipo de pavimentação; além das questões de criminalidade e violência, que são divulgadas de forma quase simultânea ao acontecimento, instaurando assim uma cultura de terror e medo na cidade.

Em contraste a essa paisagem caótica e desequilibrada emana um ideal de paisagem rural, que preconiza a ideia de bucolismo e tranquilidade, que segundo BAGLI “esconde mais que revela seus problemas. Esse aspecto facilita o processo de romantização do rural” (2013,p.103). Ou seja, no rural os aspectos positivos são mais ressaltados do que os negativos, pelo fato de possuir um menor aporte tecnológico, bem como estar vinculado á relações mais familiares e a valores conservadores, uma vez que “a vida rural é associada, geralmente, com uma expressiva valorização da comunidade, valores da vida familiar e também ao papel importante da religião. (BERNADELLI, 2013, p. 48). Porém, somos conhecedores de que o rural apresenta problemáticas de exploração trabalhista, luta social pela terra, violência e de privação do espaço por meio dos grandes latifundiários.



Outra questão, a esse respeito, levantada pelos entrevistados é a percepção acerca do tempo em ambos os espaços, relacionado com a leitura de BAGLI de que “a paisagem rural se evidencia (...) pela forte aproximação com os aspectos naturais” (2013, p. 103), em que “o rural irá se evidenciar através de um tempo lento, em que as mudanças serão atreladas a uma lógica territorial próxima da natureza, de maneira pouco fugaz”. (BAGLI, 2013, p.83). Na cidade, em contrapartida “o cotidiano é construído sobre um tempo mecânico. As formas como as pessoas se apropriam do tempo e dele se utilizam não são compassadas pelas mudanças naturais.” (BAGLI, 2013, p.83). No urbano, então, o espaço-tempo será alterado de acordo com os interesses do Capital, através da otimização e aceleração do tempo.

Nossa terceira pergunta consistiu em investigar expressões de culturas residuais do campo presentes na cidade:

Para Fátima:

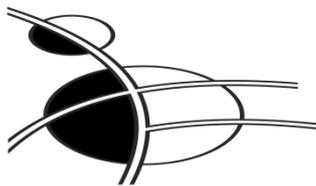
Uma coisa que eu percebo que existia antigamente, é que as pessoas geralmente as pessoas sabiam fazer suas próprias coisas e tinham uma ligação muito forte de comunidade, então tinha muita história em comum, e com o tempo isso foi se perdendo, a gente não busca mais aprender, queremos as coisas fáceis e prontas como uma receita, no campo é mais presente a tradição de aprender a fazer as coisas, aprender a cozinhar, aprender a plantar, sobre a natureza, sobre as fases da lua, quando vai chover etc.. Na cidade buscamos apenas fórmulas feitas, não sabemos mais descobrir as coisas, por exemplo, eu quero falar com alguém eu mando mensagem, deixando de lado uma visita. Uma coisa que tem na cidade e eu vejo que veio do campo é, por exemplo, são as lendas, sobre monstros, saci, mula-sem-cabeça, caipora, mas essas lendas acontecem no campo e são contadas na cidade. Uma cultura que na cidade existe e pertence ao campo é essa de criação de mitos, histórias antigas que são passadas com o tempo. (Fátima, 2018)

Para João:

Uma cultura que tínhamos no campo e deixamos após a mudança para a cidade, foi a criação de pequenos animais, como: galinhas, porcos, bodes, e também árvores frutíferas, aqui na cidade a única coisa que ainda trazemos do campo é o cultivo de ervas, plantas medicinais, como cidreira e endro, que é uma coisa que não é comum na cidade, não criamos mais animais pela falta de espaço. (João, 2018)

Para Nilda:

Olha, uma coisa que trouxe do campo foi a criação de galinhas em meu muro, crio cachorro, até um tempo atrás criava porco, não crio mais por que não tem condição, o lugar que eu criava construíram uma casa em cima, ai tive que parar de criar, ai o muro é pequeno. Crio plantas também, medicinais, como erva cidreira, arruda, hortelã, acerola, pé de mamão. Estoco feijão também, planto todos os anos, apesar de morar na cidade, planto, colho e



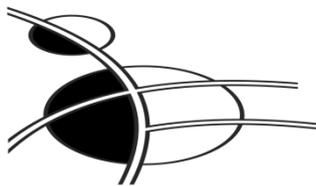
estoco o feijão, por que o feijão é caro na cidade. Outra coisa que ainda faço é visitar os acamados, gosto de reunir os familiares na semana santa, todo ano faço fogueira de São João. (Nilda, 2018)

Todas as respostas para esse questionamento exprimem quesitos bastante interessantes, assim como demonstram a diversidade de sentidos que o conceito de cultura incorpora. Para a jovem Fátima, uma cultura oriunda do campo e que se faz presente na cidade, é a questão do artesanato e da “contação de lendas”. Outro levantamento que é feito por ela e que demonstra outra visão a respeito da cultura, é a de convívio. Para a estudante, essa relação se faz mais íntima, há um contato mais pessoal dos sujeitos no campo, por sua vez, ela percebe que na cidade, as pessoas possuem mais proximidade espacial, entretanto, são distantes de pessoalidade e convívio.

João, por sua vez, descreve a cultura enquanto plantio e criação de animais, adquirida de forma ampla no campo, e mantida de maneira bastante reduzida no espaço urbano. Em sua resposta, ele aborda a descrição da prática de sua família cultivar apenas pequenas plantas na cidade, em sua maioria medicinais. João ainda destaca que se houvesse mais espaço na cidade sua família expandiria essa prática, com a criação de mais plantas e animais.

Esse posicionamento do rapaz dialoga com uma visão bastante discutida no âmbito do estudo da geografia, que é a rurbanização. De acordo com Duqueviz, a rurbanização se pela “presença de valores e estilos de vida rurais em valores e estilos de vida urbana”. (DUQUEVIZ *apud* FREYRE, 1982, p. 57). Para ROSA, rurano pode ser caracterizado por “situações em que, tanto formas de vida e de trabalho rurais quanto urbanas estariam integradas”. (2013, p.194) Ou seja, é quando o cidadão mescla valores e culturas que são associados ao campo e a cidade.

Percebemos assim que João percebe a cultura relacionada ao sentido espacial, de uso dos mecanismos que a natureza oportuniza ao homem, herdados pela cultura do campo, enquanto Fátima discute relações de valores e tradições. Semelhante a João, Nilda discorre acerca das práticas recorrentes da criação de animais trazidos do campo, em que ela também destaca a questão espacial, ao relatar que criava uma diversidade maior de animais no espaço rural, explicando que o espaço urbano é muito reduzido para o desenvolvimento dessas práticas, em função da urbanização. Esse fenômeno crescente de expansão e apropriação da cidade no espaço é justificado por SPOSITO, quando afirma que “a expansão territorial urbana dá-se pela implementação de loteamentos, pela imediata ou não incorporação imobiliária desses lotes.” (2013, p. 122) O que significa dizer que a crescente mercadorização dos espaços da



cidade tende a extinguir essas práticas rurais, pois esses hábitos necessitam de amplo espaço para sua implementação.

Nilda ainda recorre à descrição de um evento ocorrido em sua vida que limitou ainda mais a criação de animais, esse evento representa um fenômeno comum no cotidiano urbano, que é a utilização de todos os espaços disponíveis, sendo essa ocupação modificada constantemente, de acordo com a finalidade do homem e a gerência imobiliária de “seus espaços”, já destaca por João em sua fala.

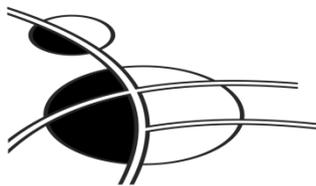
Outro dado que nos chamou a atenção na fala de Nilda foi o fato de ela, mesmo residindo na cidade, manter sua prática anual de plantação de feijão, assim como o estocamento desse produto, que segundo a diarista, se torna bastante caro na cidade, e que faz parte da base alimentar dos cidadãos do campo. A esse respeito se faz importante destacar a importância dessa prática mencionada por Nilda, já que cada vez mais as técnicas rurais têm entrado em decadência em ocasião do avanço das gerações. Podemos perceber isso na fala dos dois outros entrevistados, que compõem o quadro de gerações mais jovens, e que percebem e disseminam as práticas rurais do campo de forma bastante relativizada, como Fátima, que vê a cultura rural materializada apenas em lendas e histórias de base oral. Já para João e Nilda, a cultura está representada em diversos aspectos da vida do homem do campo, em sua forma de ver e se relacionar com a natureza, por exemplo.

Para os entrevistados que pertencem a gerações mais velhas, portanto, a manutenção da cultura agropecuária é de suma importância, e ambos ainda preservam tais práticas, principalmente Nilda, que cultiva não só plantas, mas também pratica a criação de animais. Isso se deve ao fato de que ela, Nilda, é a mais velha dentre os entrevistados, o que nos leva a pensar que, aos poucos, essas culturas vem se esvaindo, o que é preocupante, pois é provável que em um futuro próximo perderemos tais práticas (rur)banas. O que nos leva ainda a indagar que nas próximas gerações seriam as práticas do campo esquecidas por completo? E ainda, que a cultura urbana caminha para um domínio completo do modo de vida da cidade?

Por fim, na última pergunta, foi questionado aos entrevistados qual dos dois espaços eles escolheriam para residir, caso essa escolha pertencesse a eles, ao que responderam:

Fátima:

Eu escolheria viver no campo, eu acho que no campo, pois nesse espaço existe uma possibilidade maior de crescimento e realização pessoal, do que na cidade, por que na cidade temos muitas informações, como já falei, um espaço muito urbano, a cidade é um espaço que é muito afetado por construções, muita poluição ambiental, sonora, visual e também mental, possui muitos anúncios, muitos panfletos, muitas lojas, então por isso



escolheria o campo, para ter uma possibilidade maior de bem estar, em uma comunidade pequena, não falta o necessário para viver, e o que não tem no campo se consegue na cidade, por isso optaria pelo campo, pela liberdade que se tem no campo, uma rotina diferente, na cidade as pessoas são levadas a uma agitação, por mais que elas não queiram elas são levadas por esse fluxo, na questão da escola, do trabalho, na cidade constantemente somos bombardeados por informações, e no campo também temos escolas, também temos alguns comércios, isso não impede de viver bem, até mesmo porque temos meios de transportes que podem nos levar a cidade na hora que precisarmos, acho que para viver bem, primeiro temos que ter bem estar pessoal, e acho que no campo é mais fácil isso, você consegue se concentrar mais, consegue ter um maior contato com a natureza, faz muito bem para a mente, torna a pessoa mais calma. Isso vai levando o fluxo natural da vida melhor, no campo temos mais paz, no campo as pessoas são induzidas a seguir tradições, elas fazem história. Além de conteúdo aprendido na cidade, o aprendizado pessoal ensinado no campo é importante. (Fátima, 2018)

Para João:

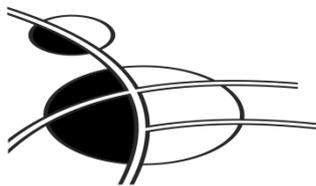
Como já falado antes, já morei anos de minha vida no campo, e tinha aspectos positivos, porém prefiro residir na cidade, pela facilidade de acesso as coisas e as oportunidades. (João, 2018)

Para Nilda:

Vou no campo sempre quando dá, trabalho como diarista e para complementar renda eu sempre planto, quando não vou plantar vou para descansar. Eu escolheria morar no sítio, porque é sossegado, moro na cidade por que não tenho casa no sítio, a terra que planto é de um parente que me empresta, moro na cidade por conta do futuro de minhas filhas, já minhas filhas não gostam do campo, gostam da cidade por conta da tecnologia, das coisas que tem na cidade. (Nilda, 2018)

As respostas a esta última indagação deflagram posicionamentos bastante distintos. Para Fátima, o campo seria um espaço utópico, longe de problemas e correria, além de proporcionar uma maior proximidade e respeito entre as pessoas. Entretanto, sabemos que na atual configuração do campo isso não é mais comum, o sistema capitalista adentrou o seu espaço, exigindo um ritmo de trabalho diferente, uma rotina consumista, aproximada ao ritmo frenético da cidade. Além disso, com a urbanização presente no campo, as relações se modificaram pelas tecnologias e facilidades de se locomover e pela facilidade oportunizada pela democratização da posse e da operação dos meios de transporte.

Já para João, apesar de ele ter residido no campo, e de rememorar esse período com saudade, prefere residir na cidade, em função das oportunidades de trabalho e para que possa dar continuidade a seus estudos.



Nilda, por fim, apesar de ter relações constantes com o espaço do campo, reside na cidade, com o intuito de proporcionar um futuro diferente do seu para suas filhas, principalmente no que diz respeito à oportunidade de trabalho.

Nos foi possível perceber, no decorrer de nossa discussão, o quanto os sujeitos percebem e categorizam os espaços analisados de forma distinta, seja pela cultura ou pelas formas espaciais, essa diversidade de ideias se dá pela questão das experiências e da personalidade vivida em cada espaço. O que nos leva a considerar a riqueza dos posicionamentos dos sujeitos, mesmo se apresentando de forma subjetiva, pois cada um se destaca por apresentar aspectos únicos, que só podem ser (re)conhecidos mediante um contato pessoal, no caso da presente pesquisa o meio de aproximação se baseou na história oral. Isso torna o sujeito um protagonista do espaço, levando-o a tomar consciência de que é ele quem produz e modifica o espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar diferentes visões do campo e da cidade, no que diz respeito aos conceitos e materializações da cultura e do espaço. Como resultado de nossas aferições, percebemos a existência de uma multiplicidade de opiniões e considerações em torno do tema, a partir da análise do discurso de uma pequena parcela de pessoas, através do método de amostragem. Isso demonstra o quanto fecunda e democrática é a metodologia da história oral, e o quanto ela pode contribuir para os estudos geográficos.

No decorrer do texto, através da fala dos sujeitos entrevistados, percebemos de que maneira o indivíduo comum pensa e trata de temas tão caros e discutidos no âmbito da teoria geográfica, como a urbanização, rurbanização, paisagem, lugar, questões agrárias, interdependência da cidade com o campo etc.

Concluimos assim que não somente podemos, como devemos usar a história oral para fazer geografia, que essa metodologia propõem perceber a cidade e o campo sob uma perspectiva diferente, através não de estatísticas, mas de uma experiência de vivência desses aspectos, que nos leva a uma metodologia que possibilita dar voz aqueles que muitas vezes são silenciados pelas intenções do Capital, e que oportuniza um estudo do tema a partir da prática, em um movimento teórico que problematiza conceitos já estabelecidos. Em resumo, um método que nos permite expandir os horizontes ao buscar caracterizar uma ciência de maneira mais próxima e “humana”, de fazer ciência não somente para uns, mas para todos.



REFERÊNCIAS

AMADO, J. Ferreira MM. (2006) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: -8.ed.- Editora FGV, 2006. 304 p.

BAGLI, Priscilla. **Rural e urbano: Harmonia e conflito na cadência da contradição**. *In*: Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural/ Maria Encarnação Beltrão Sposito, Arthur Magon Whitacker (organizadores) - - 3. ed. - -São Paulo : Outras Expressões, 2013. 248 p. :il.

BERNADELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. **Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural**. *In*: Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural/ Maria Encarnação Beltrão Sposito, Arthur Magon Whitacker (organizadores) - - 3. ed. - -São Paulo : Outras Expressões, 2013. 248 p. :il.

ENDLICH, Ângela Maria. **Perspectivas sobre o urbano e o rural**. *In*: Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural/ Maria Encarnação Beltrão Sposito, Arthur Magon Whitacker (organizadores) - - 3. ed. - -São Paulo : Outras Expressões, 2013. 248 p. :il.

FREYRE, Gilberto. *In*: DUQUEVIZ, Beatriz Camila. **A rurbanização como política social**. Dissertação de mestrado apresentada e defendida da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2006.

IPECE, Instituto de Pesquisas Estratigráficas e Econômicas do Ceará. *In*: VIANA, Cláudia Maria de Pontes. SOUZA, Fátima Juvenal. LIMA, Kathiuscia Alvez. NASCIMENTO, Margarida Maria Sérgio. **Perfil Básico Municipal**. Ano I, Janeiro de 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. MEIHY, J.C.S.B. HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. - 2. ed. - São Paulo: Contexto 2010

NASCIMENTO, Francisco Dagmauro. **Percepção ambiental: lavadeiras do rio contendas, cidade de Massapê - CE**. Sobral (CE): Revista homem, tempo e espaço. Setembro de 2017.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz da história oral diferente**. - São Paulo, 14 de fev, 1997.

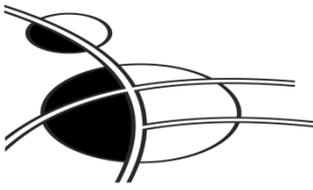
RIBEIRO, João. (depoimento, 06.05.2018.) Campos Sales, 2018.

ROSA, Lucelina Rosseti. **As categorias rural, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um continuum**. *In*: Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural/ Maria Encarnação Beltrão Sposito, Arthur Magon Whitacker (organizadores) - - 3. ed. - -São Paulo : Outras Expressões, 2013. 248 p.:il.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade**. *In*: Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural/ Maria Encarnação Beltrão Sposito, Arthur Magon Whitacker (organizadores) - - 3. ed. - -São Paulo : Outras Expressões, 2013. 248 p.:il.

STÉRPHANNY, Fátima. (depoimento, 04.05.2018.) Campos Sales, 2018.

VELOSO, Nilda (depoimento, 07.05.2018) Campos Sales, 2018.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

ZEILA B. F. Demartini; ALICE Beatriz S. G. LANG; M. Christina S. S. Campos. História oral e pesquisa sociológica; a experiência do CERU, São Paulo, Humanitas/ FFLCH-USP, 1998.